

Sérgio Telles

# Peregrinação ao Père – Lachaise



Sérgio Telles

PEREGRINAÇÃO  
AO PÈRE-LACHAISE

– NOVELA –

*Peregrinação ao Père-Lachaise*

© 2024 Sérgio Telles

TAO Editora

*Publishers* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Mariana Naime

*Preparação de texto* Helena Miranda

*Revisão de texto* Sérgio Nascimento

*Diagramação* Thais Pereira

*Capa* Laércio Flenic

*Imagens da capa* iStockphoto e Wikimedia Commons



Dados Internacionais de  
Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
contato@taoeditora.com.br  
www.taoeditora.com.br

Telles, Sérgio.  
*Peregrinação ao Père-Lachaise / Sérgio  
Telles.* – São Paulo : Tao, 2024.  
110 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de  
Letras, julho de 2021.

Bibliografia  
ISBN 978-65-89913-20-7

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios, sem autorização escrita da  
Editora.

1. Ficção brasileira 2. Père-Lachaise  
(Cemitério: Paris – França) – Ficção I. Título

23-4924

CDD B869.3

Todos os direitos reservados pela Tao Editora.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

# Conteúdo

Capítulo 1.....	9
Capítulo 2 .....	17
Capítulo 3 .....	19
Capítulo 4 .....	29
Capítulo 5 .....	51
Capítulo 6 .....	57
Capítulo 7 .....	69
Capítulo 8 .....	83
Capítulo 9 .....	99
Capítulo 10 .....	105
Capítulo 11.....	107
Referência .....	109

# Capítulo 1

Jonas sempre ficava embaraçado quando via aquela fotografia.

Parecia-lhe uma daquelas fotos antigas que mostram um prepotente caçador branco tendo a seus pés uma fera abatida, cercado por “selvagens” africanos ou hindus. Essas fotos testemunham uma visão de mundo na qual o colonizador exerce seu domínio de forma absolutamente tranquila, convicto que está de sua superioridade étnica e cultural, tida por ele como inquestionável.

Por isso mesmo, Jonas pensava que sua pose na foto era de todo inadequada, senão ridícula. Ali estava ele, como o caçador branco, com o peito estufado, exibindo com orgulho a “presa” inerte a seus pés — o túmulo de Marcel Proust.

Sim, o túmulo de Proust, e literalmente a seus pés, pois seu sapato esquerdo pisava de forma desrespeitosa o tampo de mármore negro da lápide. Ao invés de “selvagens”, a única outra pessoa visível na foto era Matilde, a quem Jonas parecia afastar com o braço, como se não quisesse sua presença ali, como se ela não devesse compartilhar daquele momento de triunfo.

Ao ver pela primeira vez a foto, Jonas ficara surpreso, pois a imagem não correspondia em absoluto às emoções que sentira naquele instante. Na verdade, a foto revelava o oposto do forte sentimento de reverência e respeito que o invadia quando fazia sua visita ritual ao túmulo daquele que considerava o maior de todos os escritores.

Ao invés de colonizador orgulhoso, Jonas se via como um humilde habitante das longínquas colônias que, ao visitar a metrópole, procurava prestar reverência a Proust, um dos mais poderosos morubixabas da literatura, um escritor que admirava e invejava, a quem jamais poderia se comparar ou com o qual competir.

No entanto, sua pose na foto e as associações que logo fizera em torno dela o traíam, revelando uma inesperada atitude de afronta e desconsideração ao túmulo daquele a quem supostamente deveria prestar suas homenagens.

Enquanto meditava sobre a foto, Jonas serviu-se de uma dose de uísque e se entregou às recordações daquela viagem.

Ao visitar o Père-Lachaise, Jonas prestava uma explícita homenagem a Proust, mas, de contrabando, homenageava também seu querido tio Lourival, que tinha ido uma única vez à Europa e, de Paris, o que mais o tinha encantado era o Cemitério do Père-Lachaise, declaração que deixou pasmados a todos da família. — Como assim, um cemitério? Tanta coisa linda em Paris e vocês vem com essa? Paciência! — Jonas lembrava das conversas ouvidas na ocasião.

Quando voltou da viagem, tio Lourival trouxe presentes para todo mundo. O de Jonas era uma caneta tinteiro Pelikan que ele usou durante muitos anos, até a rosca da tampa estrompar de vez e não mais fixá-la ao corpo da caneta, o que fazia secar a tinta em seu interior.

Tio Lourival continuava sendo um dos *tipos inesquecíveis* de Jonas. A própria expressão *tipos inesquecíveis* já evocava a lembrança de sua pessoa, pois era uma das seções da *Seleções do Reader's Digest* de que ele mais gostava. O tio comprara religiosamente durante toda a sua vida essa revista e, como ele, Jonas a lia de cabo a rabo na casa da avó paterna, com quem tio Lourival morava. Solteirão, ele se dedicava de forma integral à mãe, aos irmãos e aos sobrinhos.

Como tinha uma boa situação econômica, era uma espécie de banco que financiava as necessidades de todos. Sua existência era um marco de segurança para a família inteira. Se houvesse alguma questão de dinheiro, tinham certeza de que Tio Lourival resolveria, como de fato o fez até morrer, lúcido, aos 91 anos.

O quanto tio Lourival era querido pelos sobrinhos se evidenciou em seu velório. Numa determinada hora, os mais velhos foram descansar em casa, poupando as forças para o enterro no dia seguinte. Sem que tivessem combinado com antecedência, os mais jovens resolveram passar a noite em claro na funerária, que naquele momento não tinha outros velórios. Arrastaram as cadeiras para o pátio arborizado que havia ao lado da câmara-ardente e fizeram um grande círculo. A noite estava fresca, deliciosa. Um deles perguntou se seria desrespeitoso comprar umas cervejas. Outro logo lembrou que tomar cerveja era a primeira coisa que se fazia na casa do tio Lourival, argumento que eliminou por completo qualquer impedimento. Enquanto a lua atravessava lentamente o céu, a cerveja tornava mais doces as recordações. Repassaram as muitas histórias do tio Lourival, imitaram seu modo peculiar de falar e sua imperativa ênfase retórica, sorriam ao lembrar suas manias e implicâncias, reconheciam sua generosidade. De vez em quando, um deles se levantava e ia até a grande sala onde estava o corpo inanimado e, longe dos demais, marejava os olhos e deixava que tomasse vulto o assombro diante do mistério cotidiano e indevassável da morte, que tão próximo ali se manifestava.

Muitas vezes Jonas se vê repetindo, com idêntica entonação, as expressões que tio Lourival costumava usar para manifestar sua indignação com os desmandos do mundo, as bobagens que julgava ver nas pessoas. *Meu amigo, isso é um absurdo! Fulano de Tal é um beócio!!!*

Matilde, como os parentes de Jonas anos antes ouvindo o relato da viagem de tio Lourival, reclamava. Achava um absurdo,

uma idiotice completa, visitar cemitérios em Paris. Mais uma vez, Jonas voltou a lhe falar sobre o significado daquela visita e de novo se irritou por ela não querer entender o que ele sentia, por ter de explicar tudo tantas vezes e, ainda por cima, ter de aguentar sua arrogância, pois Matilde jamais reconhecia que não tinha conhecimento de algo, não admitia que estava aprendendo, recebendo informações novas, que ele a estava instruindo. Talvez por se sentir humilhada, diminuída, Matilde sempre fazia de conta que já sabia tudo.

Nesse ponto, Matilde era o oposto de Berenice, com quem Jonas ficara casado por 16 anos. Berenice o entendia como ninguém. Mal começava a dizer alguma coisa e ela mostrava que havia sacado o ponto importante, complementando-o com seus próprios comentários. Liam os mesmos livros, gostavam das mesmas músicas e se entendiam muito bem. Logo vieram os filhos. Um casal, como queriam. Tudo parecia dentro do esperado e Jonas se sentia confortavelmente instalado no casamento. Não fosse a grande insatisfação por não estar escrevendo literatura como gostaria, diria que era feliz. Até o dia em que voltou mais cedo para casa sem avisar. Entrou pela porta da cozinha e surpreendeu-se ao ouvir música na sala, pois as crianças estavam na escola e Berenice dificilmente colocava um CD, alegando que jamais aprenderia a mexer nos aparelhos de som que, em sua opinião, ficavam cada dia mais complicados. Em seguida, Jonas viu Berenice, de costas, no fundo do corredor, na porta do quarto deles, falando com alguém ao telefone. A música e o envolvimento na conversa fizeram com que ela não se apercesse de sua chegada e continuasse a falar com grande animação ao telefone. Jonas avançou em sua direção e, ao discernir o teor da conversa, voltou para a cozinha, de onde poderia ouvi-la sem que ela o visse. Jonas não queria acreditar no que escutava. Toda a situação parecia irreal, inacreditável, e ao mesmo tempo muito familiar, de tanto tê-la visto em filmes e na televisão. O marido pegando a mulher em flagrante, o adultério, a traição.

Ali estava Berenice numa conversa íntima e carinhosa com um homem cujo nome nunca ouvira antes.

Estatelado, Jonas sentiu que lhe faltava o fôlego, o coração disparou batendo rápido no peito. Uma forte tontura o fez cambalear e, para não cair, apoiou-se pesadamente na mesa, fazendo deslizar a toalha que a cobria e desequilibrando a fruteira de vidro, que se espatifou com estardalhaço no chão, espalhando laranjas e peras pelo piso da cozinha. O barulho denunciou sua presença, até então inadvertida para Berenice. Na fração de tempo que decorreu entre Berenice vir do quarto e encontrá-lo na cozinha, ou de ele sair da cozinha para encontrá-la no corredor, Jonas pensou que poderia haver alguma outra explicação, algo que lhe desse esperança de estar enganado, de ter entendido mal, de que tudo não passava de um grande equívoco e que a vida dos dois continuaria inalterada, como fora até então. Ainda pensou em dizer alguma piada, fazer uma brincadeira. Mas ao se encontrarem a meio caminho no corredor, o rosto de Berenice dissipou qualquer dúvida, confirmando as piores suspeitas. Ela estava lívida e o olhava aparvalhada, segurando ainda o telefone, esticando ao máximo o fio que o prendia ao quarto. Pela expressão de medo no rosto dela, Jonas imaginou que ele mesmo devia estar com o rosto transtornado, com uma cara de louco.

Tomado por um impulso, Jonas avançou contra Berenice, arrancou-lhe o telefone das mãos e deu-lhe um forte empurrão, que a derrubou no chão, fazendo com que sua cabeça produzisse um som estranho ao bater no assoalho, som que o fez pensar que a tivesse matado, ideia terrível que de imediato refreou o tumulto que se agitava dentro dele. Ao mesmo tempo, uma outra parte de sua mente assistia àquela cena com grande distanciamento, como se fosse algo que estivesse acontecendo com pessoas desconhecidas, às quais devotava uma enfatiada indiferença. Vinda do nada, emergiu a lembrança de Maísa cantando “Meu mundo caiu”. Apesar de ser um comentário certo sobre o que estava acontecendo, era uma recordação que o arrebatava para longe dali, para um outro

tempo, no qual era menino e ouvia pelo rádio, em tardes que se desenrolavam lentas e quentes, a voz rouca e sensual de Maísa e as pessoas repetiam o que tinham lido na revista *O Cruzeiro* — como era possível? Ela, uma Matarazzo, bebendo e frequentando a noite, que vergonha! Lembranças sem nenhuma importância e há muito desaparecidas, mas que naquele instante ressuscitavam e, com tenacidade, buscavam prender a atenção de Jonas, afastando-o da briga com Berenice.

O fato é que gritaram, berraram, trocaram insultos e por várias vezes Jonas teve de se conter para não esbofetear, esmurrar, espancar Berenice. Ainda bem que as crianças e a empregada não estavam em casa.

Berenice — mulher corajosa que sempre foi — em nenhum momento negou o que Jonas ouvira. Assumiu tudo, no ato. Disse que não tinha explicações. Apaixonara-se pelo colega do laboratório de análises clínicas onde trabalhava, um médico que conheceria na faculdade e que havia perdido de vista por muitos anos, pois ele havia morado noutra cidade depois que se formara.

Após a separação, Jonas ficou mal por bastante tempo, uns 5, 6 anos. Não aceitava o ocorrido, não entendia como tudo pudera acontecer sem que tivesse percebido, ele que achava que ia tudo às mil maravilhas em seu casamento. Quando passou a crise maior, ponderou que ele mesmo havia traído Berenice com as colegas e estagiárias da agência de publicidade, e, por mais cuidadoso que tivesse sido, o mais provável é que algo disso deixara transparecer. É difícil fazer com que essas coisas passem inteiramente despercebidas.

Jonas não se conformava com a perda de Berenice e da convivência diária com as crianças. Se ela o deixara por causa de suas traições, pensava, ele estaria pagando um preço alto demais pelo prazer da conquista, pois amava Berenice e as outras mulheres nada significavam para ele. Com elas, o que importava era o jogo da sedução, as trocas de charme, a satisfação de exercer com sucesso a conquista. Jonas achava que, da mesma forma, também para aquelas mulheres

ele não contava muito, era apenas um fugaz troféu, um reasseguramento, a prova de que podiam seduzir um homem.

Tempos depois da separação, quando começou a sair com Matilde, Jonas descobriu um novo mundo. Apesar de ter mantido uma vida sexual bem ativa, até aquele momento não havia encontrado uma mulher como ela.

Jonas pensava que Matilde dava ao sexo a devida importância, aquela que ele mesmo dava. Nisso Matilde agia diferentemente de outras mulheres com quem saía. Elas lhe davam a impressão de tratar seu pênis como um visitante ilustre e desejado, mas com o qual não se sentiam à vontade, mantendo com ele sempre uma certa distância cerimoniosa.

Matilde era um jorro de luz, água, som e cor no meio da escuridão, do deserto, do silêncio, do cinza. E Jonas lhe era muito grato por isso.

Em *Peregrinação ao Père-Lachaise*, encontramos a história de Jonas, publicitário de formação que nutre uma grande paixão pela escrita, lutando contra suas inibições enquanto o próprio escritor-narrador luta com as suas. Cheios de dúvidas, ambos empreendem uma viagem, ou melhor, peregrinação de encontro a si mesmos, enquanto discutem literatura, escrita, crítica e estrutura.

Sempre jogando com o duplo, o brilhante escritor e psicanalista Sérgio Telles costura esta novela em dois mundos, nos quais a dupla peregrinação das personagens é também a concretização da peregrinação do escritor-narrador.

*Jonatas Eliakim*



ISBN 978-65-89913-20-7

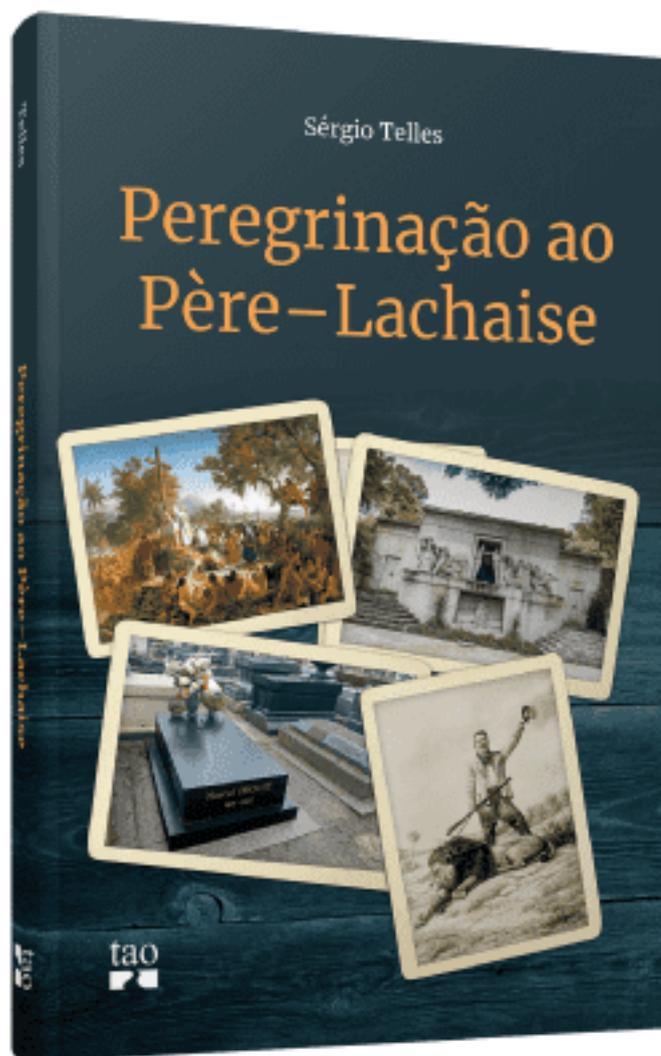


9 786589 191320 7



[www.taeditora.com.br](http://www.taeditora.com.br)

tao  

Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Peregrinação ao Père-Lachaise

---

Sérgio Telles

ISBN: 9786589913207

Páginas: 110

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---